

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

CLAUDIO ANTONIO NUNES DE OLIVEIRA

“NÃO VOU MORRER ANALFABETO”:  
a trajetória de um estudante da EJA.

Porto Alegre  
2016

CLAUDIO ANTONIO NUNES DE OLIVEIRA

“NÃO VOU MORRER ANALFABETO”:  
a trajetória de um estudante da EJA

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Ferreira Godinho  
Co-orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera

Porto Alegre

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço ao povo brasileiro, pela oportunidade que me foi dada de estudar em uma universidade federal, custeada por recursos públicos, cursando um ensino superior de qualidade.

Também sou muito grato à minha família, por ter me incentivado a ingressar na universidade aos 50 anos de idade. Peço desculpas pelos momentos que, vencido pelo cansaço, estive ausente, principalmente à minha filha mais nova, pelas vezes que não pude brincar com ela para estudar. Um especial agradecimento à minha mãe por ter, mesmo nos momentos de grande dificuldade financeira, nunca ter deixado de priorizar minha educação. À minha esposa, formada em magistério e ex-estudante de Biblioteconomia e Geografia desta universidade, pelas contribuições na transcrição das entrevistas deste TCC.

Agradeço imensamente à minha orientadora, por orientar-me neste trabalho e também à minha co-orientadora, por ter conseguido outro caso semelhante ao que inicialmente havia escolhido, e que por motivos de saúde não pode ser meu sujeito de pesquisa, o que inviabilizaria este TCC, que só foi possível pela sua intervenção e interesse.

## RESUMO

Este trabalho tem por base um estudo de caso, de um estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola estadual de Porto Alegre-RS. Após ter sido diagnosticado com Toxoplasmose, este estudante perdeu a habilidade de ler e escrever. O objetivo da pesquisa foi refletir sobre as motivações de um estudante de EJA para retomar os estudos. A metodologia utilizada no trabalho teve inspiração no método estudo de caso, adotando como procedimento para coleta de dados a entrevista narrativa (BAUER & GASKELL, 2002) realizada com o estudante, adotando como referencial teórico: Oliveira (1999) na forma como descreve os sujeitos da EJA e Cunha (2012), no questionamento sobre o tratamento dado aos estudantes da EJA. Os dados obtidos permitem analisar a relação entre a retomada dos estudos e o esforço de recuperação deste homem após o diagnóstico de toxoplasmose. A frequência à escola e a aprendizagem ocupou um lugar significativo na trajetória dele. Este TCC proporcionou a mim, a possibilidade de uma reflexão mais profunda sobre o período de estágio obrigatório, momento onde conheci outro caso semelhante a este, no sentido de pensar sobre os motivos que levam alguns estudantes da EJA a buscarem a escola e a necessidade de repensar nossas estratégias pedagógicas para melhor atendê-los, fato que demandaria futuros estudos e pesquisas na área da educação.

Palavras-chave: História de vida. EJA. Sujeitos da EJA.

## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	9
2.1 SUJEITOS DA EJA .....	9
2.2 EJA COMO MODALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA .....	11
2.3 O RETORNO À ESCOLA PARA REAPRENDER A LER E A ESCREVER .....	16
3 METODOLOGIA .....	18
4 ANÁLISE DOS DADOS .....	22
5 CONCLUSÃO .....	38
6 REFERÊNCIAS .....	40
APÊNDICES .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, os/as estudantes que ocupam este espaço de educação, denominado de Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem sido identificados/as como pessoas que por algum motivo não puderam cursar o ensino regular na infância. Isto ocorreu em virtude das dificuldades que tiveram para frequentar a escola, que vão desde o fracasso escolar, até a inserção precoce no mercado de trabalho, como indicam diversos estudos desta área (OLIVEIRA, 1999; DI PIERRO, GALVÃO, 2007; ARROYO, 2007). Mas durante o estágio obrigatório em EJA, do currículo do curso de Pedagogia, eu me questionava: será apenas este o perfil dos/das estudantes da EJA? Quem são os demais frequentadores destes espaços educativos e que são ali silenciados, passando despercebidos dentro do processo de juvenilização evidente que vive a EJA? O que esperam encontrar neste local? E principalmente, esta modalidade de ensino atende suas necessidades? Esses foram os questionamentos iniciais que me inquietaram durante meu convívio com os estudantes durante o estágio e justificaram a elaboração deste trabalho. A partir destas indagações iniciais, formulei o objetivo deste estudo.

A pergunta central da pesquisa é: Quais as motivações de um homem adulto que perdeu a habilidade de ler e escrever<sup>1</sup> para retornar à escola de EJA? O objetivo geral é: refletir sobre as motivações de um estudante de EJA para retomar os estudos. Como objetivos específicos: analisar a trajetória de vida e de estudos de um estudante de EJA; e refletir sobre as suas expectativas em relação à escola.

A ideia surgiu durante a realização do estágio obrigatório do sétimo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizado no primeiro semestre de 2015. O estágio foi desenvolvido em uma escola pública da rede municipal da cidade de Porto Alegre RS, em uma turma de EJA, de totalidade 1 e 2, no período noturno.

Durante a realização deste estágio, ingressou na turma um estudante, que particularmente, chamou muito a minha atenção. O mesmo havia sofrido um

---

<sup>1</sup> O estudante relatou, no ano de 2014, para os bolsistas do PIBID seu problema de saúde e que teria um laudo médico. Porém, não tivemos acesso ao referido laudo e, por isso, não podemos afirmar um diagnóstico. Contudo, há uma suspeita de dislexia adquirida.

acidente de trabalho, que após determinado tempo, levou-o a perda de sua memória escolar. Havia esquecido como ler e escrever. Fiquei intrigado com o fato de que, ao contrário dos outros alunos, que estavam ali para se alfabetizar, ele estava ali para se (re)alfabetizar.

A impressão que tive deste estudante é que era uma pessoa bastante tímida e que estava muito interessado em voltar a ler e a escrever, haja vista a sua assiduidade, participação e interesse nas aulas. Nas atividades ligadas à escrita e à leitura, declarava-se incapaz de fazê-las; já para as atividades matemáticas, demonstrava certa facilidade.

Apesar do curso de Pedagogia da UFRGS ser voltado para as séries iniciais do ensino fundamental, o foco principal do curso é a educação infantil, e a EJA sempre foi o meu foco de interesse pessoal. Afinal de contas, trabalho como Instrutor de Trânsito desde 1998 e a faixa etária atendida é a mesma.

Para desenvolver meu trabalho, adotei como principal referencial teórico, Oliveira (1999) e Cunha (2012). Na contextualização das reflexões sobre a área, utilizo também o Parecer CNE/CEB 11/2000.

Marta Kohl de Oliveira (1999) apresenta os sujeitos da EJA, não somente em sua especificidade etária, mas em sua especificidade cultural. Segundo ela, ocupam um dado lugar social: a condição de “não crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. Aponta as limitações existentes ao estudo deste público do ponto de vista psicológico, pelo fato das teorias do desenvolvimento serem voltadas historicamente para as crianças, não existindo uma boa psicologia voltada para o adulto. Pelo fato dos adultos encontrarem-se, geralmente inseridos no mercado de trabalho e trazerem consigo uma história de vida mais longa, nas situações de aprendizagem, apresentam uma maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre o seu próprio processo de aprendizagem.

O Parecer CNE/CEB nº 11/2000 define a EJA como uma modalidade da educação básica. Alerta que os estudantes desta modalidade, por possuírem especificidades próprias, deveriam receber tratamento diferenciado. Apresenta as funções da EJA - reparadora, equalizadora e qualificadora - estabelecidas no sentido de contribuir para a garantia do direito à educação por uma parte significativa da

população que não teve este direito garantido na infância. O documento declara a posição de desigualdade ocupada por estes estudantes e que os impedem de atingir uma cidadania plena e indica de que forma a EJA deve contribuir para a construção de uma sociedade menos desigual. Dentre as diretrizes curriculares para a modalidade, o documento ressalta a relação destes estudantes com o mundo do trabalho e afirma a necessidade de modelos pedagógicos próprios e que atendam às necessidades de jovens, adultos e idosos. Embora o documento tenha dezesseis anos, os desafios relacionados à garantia do direito à educação permanecem atuais. O índice de analfabetismo absoluto é de 8,7% e de analfabetismo funcional é de 27% conforme dados do IBGE (2014).

Cunha (2012) questiona o tratamento dado aos estudantes da EJA que frequentemente, por serem considerados em situação de atraso, recebem um tratamento infantilizado, como se houvesse uma necessidade de retornar à infância para poderem aprender. Esta compreensão de que existe uma época certa para aprender, a infância, coloca o estudante da EJA como incapaz de ser um portador de saberes. São ignorados seus conhecimentos prévios, construídos por suas vivências do dia-a-dia, pelo seu trabalho e pela sua participação nos espaços sociais a que pertencem e que independe do processo de escolarização. Esta postura impede que estes alunos, manifestem seus saberes, suas visões de mundo e debatam temas do seu cotidiano de forma mais profunda. Segundo a autora, existe a necessidade de problematizar o porquê da dificuldade em compreender que o estudante da EJA não é criança e que esta modalidade requer modelos pedagógicos próprios. Não basta apenas identificar quem eles são. Mas sim, reconhecê-los efetivamente como sujeitos, protagonistas, com seus conhecimentos e concepções sobre a vida e o mundo.

Após este capítulo introdutório, no segundo capítulo, será apresentado o referencial teórico que embasará o desenvolvimento dos conceitos anunciados acima. O terceiro capítulo apresenta a metodologia aplicada: pesquisa qualitativa, estudo de caso e entrevista narrativa. O quarto capítulo descreve a análise dos dados da pesquisa. E o quinto capítulo apresenta as conclusões do trabalho.

A escolha do título deste trabalho: “NÃO VOU MORRER ANALFABETO”, surgiu da fala do entrevistado, que fez esta afirmação com ênfase, o que me fez pensar sobre o peso do estigma do adulto analfabeto. O estudante identifica este

preconceito social contra a pessoa analfabeta, construído historicamente no Brasil, conforme analisam Galvão e Di Pierro (2007), e lutou para não ser alvo deste preconceito.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 SUJEITOS DA EJA

Quando pensamos em quem são os sujeitos da EJA, precisamos não só referenciar suas características etárias, mas principalmente suas características culturais. Segundo Oliveira (1999),

apesar do recorte por idade (jovens e adultos são, basicamente, “não crianças”), esse território da educação não diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea. (p. 59)

Estes estudantes geralmente são oriundos de áreas rurais ou urbanas empobrecidas, com uma passagem curta pela escola, conforme a autora. Devido à sua pouca escolaridade, acabam exercendo trabalhos urbanos menos qualificados. Buscam a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino fundamental. Cabe aqui salientar a existência de casos como o de Luiz, sujeito desta pesquisa, que sempre morou em área urbana e abandonou a escola em virtude da necessidade de inserção de forma precoce no mercado de trabalho e que retorna à escola para superar um problema de saúde.

Já o jovem, recentemente incorporado ao território da EJA, tem buscado esta modalidade em virtude de seu histórico de escolaridade irregular, como indicam estudos sobre juventudes (DAYRELL, 1996; CARRANO, 2007). Assim como o adulto, também o jovem é excluído do sistema escolar. A diferença, na minha opinião, é que ocupa fases mais adiantadas no processo de escolarização, o que aumenta significativamente suas chances de conclusão do ensino fundamental ou médio.

De acordo com Oliveira, refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, “transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais.” (1999, p. 60)

Quando consideramos os estudantes da EJA na sua condição de “não crianças”, nos deparamos com uma grande limitação da área da psicologia, já que:

as teorias do desenvolvimento referem-se, historicamente, de modo predominante à criança e ao adolescente, não tendo estabelecido, na verdade, uma boa psicologia do adulto. Os processos de construção de conhecimento e de aprendizagem dos adultos são, assim, muito menos explorados na literatura psicológica do que aqueles referentes às crianças e adolescentes. (OLIVEIRA, 1999, p. 60)

Quando pensamos no que diz respeito ao funcionamento intelectual do adulto e sua capacidade cognitiva, Palácios (1995) afirma que as pessoas, mesmo com uma idade avançada, mantêm uma boa capacidade cognitiva. O que influencia o desenvolvimento cognitivo das pessoas jovens e adultas são diversos fatores, como: a saúde, nível educativo, cultural, experiências profissionais, tónus vital, motivação e bem-estar psicológico. São estes fatores, e não a idade que determinam o sucesso perante as demandas cognitivas.

Conforme Oliveira (1999), o adulto possui uma história de vida mais longa, com muitos conhecimentos, habilidades e experiências acumuladas, com relação ao mundo, as pessoas e a si mesmo. Em virtude disto, apresenta uma capacidade muito grande de reflexão sobre seus próprios processos de aprendizagem.

Ao compararmos esses jovens e adultos, no contexto da escolarização, notamos que o que ambos têm em comum é a sua condição de excluídos da escola regular. Penso que além dos aspectos sociológicos, normalmente considerados como responsáveis pela exclusão da escola, o fracasso escolar, a evasão e a repetência, podem ter origem no uso de práticas pedagógicas inadequadas, pouco atrativas e descontextualizadas, que não apresentam sentido prático para a vida dos estudantes, isso quando não são de cunho infantil.

A posição de excluídos, ocupada pelos estudantes da EJA, também os coloca em situação de desconforto de natureza afetiva, podendo também influenciar na sua aprendizagem.

Os alunos têm vergonha de frequentar a escola depois de adultos e muitas vezes pensam que serão os únicos adultos em classes de crianças, sentindo-se por isso humilhados e tornando-se inseguros quanto a sua própria capacidade para aprender. (OLIVEIRA, 1999, p. 62)

Definitivamente as pessoas jovens e adultas que frequentam a EJA “não pertencem ao grupo social dominante ou caracteristicamente objeto das práticas educativas de que se ocupa a área da educação em geral”. (OLIVEIRA, 1999, p. 62-63)

## 2.2 EJA COMO MODALIDADE DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 instituiu a EJA como uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, intensificando a educação de base para aquelas pessoas que não receberam ou não concluíram o ciclo completo da educação primária e, por possuir especificidade própria, como tal deveriam ser tratadas.

A dualidade existente entre os brasileiros alfabetizados e analfabetos, letrados e iletrados, ainda faz parte de nossa realidade, segundo Soares (1998): “alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita” (p. 19). A mesma autora considera que o letramento não se resume à alfabetização, pois abrange a capacidade de ler e escrever nos contextos diversos em que estas práticas sociais são produzidas na sociedade letrada. Sendo assim, “(...) não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente(...)” (SOARES, 1998, p. 20). Com posicionamento distinto, Tfouni (1995) compreende que, em uma sociedade letrada, a pessoa analfabeta não será iletrada, pois em algum nível ela desenvolverá habilidades de letramento, ainda que dependam da ajuda de outrem para realizar as atividades que envolvem leitura e escrita. Nessa direção, mesmo entre pessoas analfabetas desenvolvem-se níveis de letramento, o que, portanto, invalidaria a polarização entre letrados e iletrados, discutida por Soares (1998). Conforme Tfouni (1995), “enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, a alfabetização e o letramento são processos de aquisição de um sistema escrito” (p. 9).

Apesar das políticas públicas focarem no ensino fundamental, universal e obrigatório, priorizando a relação idade própria/ano escolar, condições sociais adversas, fatores administrativos inadequados, de planejamento e dimensões qualitativas internas à escolarização, tem condicionado o sucesso de muitos alunos. Em meu estágio curricular na EJA, percebi que a média de permanência no ensino fundamental é bastante pequena, algo em torno de quatro e seis anos. Os nove anos obrigatórios, para alguns acabam se convertendo em onze anos, na média. Muitos que já deveriam estar no ensino médio, ainda permanecem no fundamental.

A evasão, a reprovação e a repetência, agravam a distorção idade/ano, retardando o fluxo escolar. Diante deste quadro, o Brasil continua exibindo um número bastante grande de analfabetos, devendo ser motivo de preocupação e autocrítica. Conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2014, o índice de analfabetismo é de 8,3% na população brasileira de 15 anos de idade ou mais. Muitos destes indivíduos que compõem estas cifras são os candidatos a frequentarem os espaços da EJA.

Neste sentido, a EJA se apresenta como reparadora de uma dívida social, junto àqueles que por algum motivo não tiveram acesso ao domínio da escrita e da leitura como bens sociais, mas que apesar disso, contribuíram de forma fundamental, através de sua força de trabalho, na produção de riquezas, portanto, a eles, não deve ser negado este acesso e nem sua presença na convivência social.

A ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto ou “vacionado” apenas para tarefas e funções “desqualificadas” nos segmentos de mercado. Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade... (BRASIL, 2000, p. 5)

Em um mundo onde o domínio da escrita e da leitura é fator primordial para o sucesso, principalmente no campo do trabalho, a ausência desta habilidade passa a ser um grande fator de exclusão social. Para aqueles que não se apropriaram do sistema de escrita, e que conseqüentemente estão em posição de desigualdade para concorrerem aos postos de trabalho existentes. Isto aparece como um grande problema a ser enfrentado. Na construção de uma cidadania plena, estes indivíduos têm direito ao acesso a graus mais elevados de letramento, por possibilitar o acesso e a luta por outros direitos sociais e usufruir de espaços e serviços públicos em uma sociedade onde predomina o grafocentrismo, e que a ausência destes relevantes bens constitui-se em elemento danoso para este cidadão.

Nada mais significativo e importante para a construção da cidadania do que a compreensão de que a cultura não existiria sem a socialização das conquistas humanas. O sujeito anônimo é, na verdade, o grande artesão dos tecidos da história. (BRASIL, 2000, p. 7)

Com base neste trecho do Parecer CNE/CEB 11/2000, é possível afirmar que é tarefa primordial da EJA garantir a alfabetização e a conclusão da escolaridade

básica para todas as pessoas que não tiveram este direito respeitado na infância. A quitação desta dívida social e o término desta discriminação não devem ser função exclusiva da EJA, pois envolvem outros elementos que transcendem o ambiente escolar.

Esta e outras formas de discriminação não têm o seu nascedouro na escola. A educação escolar, ainda que imprescindível, participa dos sistemas sociais, mas ela não é o todo destes sistemas. Daí que a busca de uma sociedade menos desigual e mais justa continue a ser um alvo a ser atingido em países como o Brasil. (BRASIL, 2000, p. 7)

Portanto a EJA, como um espaço democrático de transmissão do conhecimento, através da educação escolar, deve contribuir de forma relevante como via fundamental na construção de um projeto de sociedade menos desigual. É importante salientar que, cada vez mais, o ensino médio passa a se impor como pré-requisito ao ingresso no mercado de trabalho, sendo assim gerador cada vez mais de exclusão. Oportunizar o ensino fundamental a todos me parece ser fator inadiável e prioritário no combate a esta exclusão inaceitável. A universalização do ensino fundamental proporciona aos cidadãos o reconhecimento de si e do outro como iguais, elevando sua autoestima e constituindo uma nação mais autônoma e democrática.

A ausência de acesso à leitura e escrita representa uma grande barreira para jovens, adultos e idosos, pois compromete significativamente sua qualidade de vida, criando uma divisão entre os sujeitos alfabetizados e não alfabetizados, dificultando o desenvolvimento de suas competências fundamentais para sua inserção no mundo do trabalho e na sociedade contemporânea.

Sendo a escola um serviço público, tem o dever de assegurar a todos, de forma democrática atendendo o princípio da igualdade e da liberdade, o direito ao ensino básico, intervindo no campo das desigualdades e das hierarquias sociais, de forma a propiciar maior integração do indivíduo no convívio social. Estes são pressupostos básicos para que se tenha uma sociedade mais justa, com uma melhor redistribuição das riquezas.

Segundo Arroyo (2007), nos últimos dez anos houve um distanciamento dos jovens e adultos da EJA de um projeto nacional de integração, de participação no trabalho, na riqueza, na cultura e no conhecimento. Certamente os estudantes da

EJA contribuem para o aumento dos números do trabalho informal, pois não há oferta de trabalho formal. Trabalhar na informalidade não oferece segurança, nem um horizonte definido, é uma visão pouco clara de trabalhador. A ideia de horizonte estava ligada a uma sociedade industrial, onde o emprego qualificado tinha ligação com a formação do indivíduo.

De acordo com o mesmo autor, a educação sempre esteve ligada a uma ideia de um projeto de futuro. Há uma diferença entre estudar para o futuro e estudar para sobreviver em um presente repleto de incertezas. Talvez o discurso que apresenta a EJA como última porta para o futuro deva ser mudado pela garantia de um mínimo de dignidade no presente.

Isto nos mostra que esses jovens e adultos estão condenados ao que poderíamos chamar de um estado de permanente vulnerabilidade nas formas de viver. Viver significa para eles ter o que comer, ter um salário, ter uns trocados. Quando até essas bases do viver são incertas, a incerteza invade seu viver. (ARROYO, 2007, p. 9)

O autor chama a atenção para que pensemos que tipo de EJA deve se configurar para esse tipo de vulnerabilidade nas formas de viver. Os currículos da educação são voltados para o emprego seguro, o trabalho informal não aparece como realidade e como forma de trabalho. Era uma situação que se pensava provisória e para poucos. Apesar desta situação ter se tornado permanente para muitos, a escola continuou ingenuamente preparando seus estudantes para um trabalho que não existe. É preciso pensar currículos que ofereçam maiores opções de sobrevivência nessas formas de trabalho, que os tornem menos vulneráveis e com possibilidades de emancipação desta situação de instabilidade e incertezas.

Por isto, a EJA deve ser pensada como um modelo pedagógico próprio, para que possa satisfazer as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos, através da criação de situações pedagógicas diferenciadas e dirigidas a este público, levando em consideração suas especificidades. Modelo este que propicie novas inserções no mundo do trabalho, na vida social e em canais de participação. Portanto, bem mais que um processo inicial da alfabetização, a EJA busca formar novos leitores, incentivar a leitura de múltiplas linguagens, ampliar as dimensões do trabalho e da cidadania, levando em consideração que estes indivíduos são pessoas maduras, com longas experiências de vida e de trabalho. Ocupando uma posição de

desfavorecidos diante do acesso e permanência na escola, devem receber proporcionalmente, maiores oportunidades que os outros. A escola deve resgatar o potencial do jovem, adulto e idoso, atualizar seus conhecimentos, desenvolvendo suas habilidades, trocando experiências, reafirmando suas competências adquiridas durante sua vida, qualificando-o melhor para a mesma. Desta forma a EJA cumpre a sua função qualificadora, assim como diz o Relatório Jacques Delors para a UNESCO (1996):

Uma educação permanente, realmente dirigida às necessidades das sociedades modernas não pode continuar a definir-se em relação a um período particular da vida \_ educação de adultos, por oposição à dos jovens, por exemplo \_ ou a uma finalidade demasiado circunscrita \_ a formação profissional, distinta da formação geral. Doravante, temos de aprender durante toda a vida e uns saberes penetram e enriquecem os outros. (p. 89)

Para muitos jovens, adultos e idosos, os espaços da EJA podem representar um lugar de capacitação para o mundo do trabalho e não devem se enganar ou ser enganados pela escola com falsas promessas de trabalhos que não existem. Talvez ajudá-los a conhecer melhor os mundos do trabalho, criar competências para entendê-los e enfrentá-los melhor, sem promessas ingênuas de futuro. Para estes estudantes, a EJA pode ser um espaço de ressignificação de suas experiências socioculturais, ratificando a ideia de que em todas as idades é possível formar, desenvolver, ampliar conhecimentos, competências e valores.

### 2.3 O RETORNO À ESCOLA PARA REAPRENDER A LER E A ESCREVER

As razões que levam os estudantes da EJA a não cursarem a escola na infância, evadirem-se dela e principalmente retornarem a ela mais tarde, são muito discutidas no meio da educação. Quando falamos do retorno à escola e nos deparamos com razões como a de Luiz, a literatura é bem mais escassa.

Esta necessidade de reaprender a ler e escrever, foi constatada em um estudante do meu estágio que havia sofrido um acidente de trabalho e em Luiz, que foi sujeito do estudo de caso que originou este trabalho. Luiz foi diagnosticado com Toxoplasmose<sup>2</sup> e retornou a escola para se realfabetizar, caso que pode sugerir uma dislexia adquirida<sup>3</sup>.

Com relação ao tratamento que estes estudantes recebem na EJA, percebe-se que, na maioria das vezes, são tratados de forma generalizada, desconsiderando suas especificidades e expectativas, sendo submetidos a atividades padronizadas e que não atendem às suas necessidades. Conforme Cunha (2012), apesar de óbvio, é preciso dizer que o fato dos estudantes da EJA não serem crianças, e sim homens e mulheres adultos, exige um tratamento de acordo com esta situação.

Ainda que seja constatável, não é consenso o reconhecimento deste sujeito como adulto, valorizando a etapa da vida em que está, sem que seja preciso recorrer às práticas escolares da infância para atender às suas demandas, principalmente nos anos iniciais de sua escolarização. (CUNHA, 2012, p.109)

---

<sup>2</sup> A toxoplasmose é uma parasitose determinada pelo protozoário *Toxoplasma gondii*. Existe em todas as partes do mundo, com exceção da Antártica. Sua incidência é mínima nas regiões frias, onde alcança taxas de 0 a 10%, e nas áreas tropicais eleva-se em torno de 60 a 90%. A infecção aumenta com a idade, apresentando incidência máxima após os 30 anos. A sua transmissão se faz por ingestão de alimentos contaminados com oocistos de *Toxoplasma gondii* eliminados com as fezes do gato, carnes, ovos e leite não pasteurizados, inalação, por via genital, ocular, nasal, salivar, beijo, por via cutânea, transplacentária, por transfusão de sangue, etc. A ingestão de carnes de coelho, cabrito, porco, gado, carneiro, etc., mal cozidas é o modo mais comum de transmissão da parasitose. A alta incidência de toxoplasmose é atribuída a sua propagação eficiente através da cadeia alimentar. A gravidade dos sintomas clínicos depende da virulência da cepa parasitária e da resistência do hospedeiro. Apesar da toxoplasmose ter sido descoberta há mais de 100 anos, muitos dos seus aspectos ainda permanecem desconhecidos. Ainda não existe um tratamento capaz de erradicar o parasita do hospedeiro, e os estudos para desenvolver uma vacina ainda não chegaram a resultados satisfatórios. A soro-prevalência é maior em pessoas idosas, pois com o passar dos anos, o indivíduo foi mais exposto ao contato com o parasita. (HUGGINS, 1972, p. 27-28)

<sup>3</sup> Na dislexia adquirida, o aprendizado da leitura e da escrita, que foi adquirido normalmente, é perdido como resultado de uma lesão cerebral. (SCHIRMER, 2004, p. S100) Isto possivelmente aconteceu com Luiz, que teve a área do cérebro responsável pela aprendizagem afetada pelo protozoário.

As práticas pedagógicas padronizadas, e muitas vezes infantilizadoras a que os estudantes da EJA são submetidos, contribuem com a ideia de que o adulto, nesta condição, é atrasado e, como declara Álvaro Vieira Pinto (2010), para aprender, deveria retornar a infância ou assumir uma postura infantil. Isto reforça o entendimento que para a aquisição de conhecimentos escolares, existe uma época certa, a infância, e teriam que ser submetidos a um ambiente infantil, para efetivarem sua aprendizagem. Desconsideramos, assim, os conhecimentos adquiridos por estes indivíduos no dia-a-dia e no mundo do trabalho, conhecimentos estes que vão além das fronteiras da escola. Tais práticas evitam que estes estudantes possam demonstrar seus conhecimentos prévios, promovendo discussões sobre aspectos do seu cotidiano. Portanto, é fundamental que os modelos pedagógicos sejam repensados no sentido de considerar a realidade vivida por estes sujeitos, dando sentido a estas práticas.

A escola, como espaço de conhecimento para os sujeitos jovens e adultos, portanto, pode contribuir com seus processos emancipatórios, ou seja, com seus projetos de vida que, neste espaço, podem ser problematizados. (CUNHA, 2012, p. 113)

A partir de práticas pedagógicas adequadas e eficazes, o espaço da EJA se constituiria de fundamental importância na construção da autonomia destes estudantes, promovendo a qualidade desta modalidade de ensino e a democratização da escola.

### 3 METODOLOGIA

O interesse pelo tema de pesquisa surgiu a partir do estágio obrigatório realizado em uma turma de T1/T2 da modalidade EJA, em uma escola da rede municipal da cidade de Porto Alegre. Quase ao final deste estágio, ingressou na turma um estudante que havia sofrido um acidente de trabalho e que após algum tempo acabou esquecendo conhecimentos anteriormente adquiridos, como ler e escrever. Considerei relevante para o campo da Educação, num primeiro momento, o estudo de caso sobre este estudante, em virtude de se tratar de um perfil diferenciado dos demais no que tange ao motivo que o levou a retornar à escola, que era o de superar seu problema de saúde, e que mereceria atenção especial por parte dos educadores da EJA. Contudo, mesmo após inúmeros contatos, não foi possível realizar conversas com este estudante, considerando que o mesmo, diante das dificuldades de aprendizagem com que se deparou, na tentativa de retomada dos conhecimentos anteriormente adquiridos, mergulhou em um quadro de grande depressão, que o levou inclusive, segundo relato de sua esposa, ao isolamento não só do ambiente escolar, mas também de relação com os seus familiares. Segundo ela, seria impossível, naquele momento, que ele participasse da pesquisa.

Diante do ocorrido, recebi da co-orientadora deste TCC, a indicação de outro aluno que, coincidentemente, após contrair toxoplasmose, também perdeu a habilidade de ler e escrever. O motivo da escolha foi a semelhança com o ocorrido com o estudante que ingressou em minha turma de estágio, os quais retornaram à escola para superar um problema de saúde. Com a necessidade de mudança, a pesquisa que originou este TCC ocorreu em uma escola da rede estadual, na cidade de Porto Alegre. O aluno entrevistado foi um estudante da EJA, atualmente matriculado na Totalidade 6 (Anos Finais do Ensino Fundamental).

Este trabalho teve como inspiração metodológica a pesquisa qualitativa. Conforme Ludke & André (1986, p.44) a pesquisa qualitativa ou naturalística tem as seguintes características:

- a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- b) os dados coletados são predominantemente descritivos;
- c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
- d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador;
- e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Conforme André (2005), o estudo de caso apresenta algumas vantagens como uma metodologia de pesquisa qualitativa. Uma delas é “sua capacidade de retratar situações da vida real, sem prejuízo de sua complexidade e de sua dinâmica natural” (p. 35). Cabe ainda ressaltar que, conforme esta autora:

Os estudos de caso também são valorizados pela sua capacidade heurística, isto é, por jogarem luz sobre o fenômeno estudado, de modo que o leitor possa descobrir novos sentidos, expandir suas experiências ou confirmar o que já sabia. Espera-se que o estudo de caso ajude a compreender a situação investigada e possibilite a emergência de novas relações e variáveis, ou seja, que leve o leitor a ampliar suas experiências. Espera-se também que revele pistas para aprofundamento ou para futuros estudos. (ANDRÉ, 2005, p.35)

O estudo de caso permite ao pesquisador uma metodologia de pesquisa mais flexível, onde “o pesquisador não parte de um esquema teórico fechado, que limite suas interpretações e impeça a descoberta de novas relações, mas faça novas descobertas e acrescente aspectos novos à problemática” (ANDRÉ, 2005, p.36).

Para mim, em particular, esta estrutura representou um grande atrativo.

É justamente essa estrutura flexível e aberta que torna o estudo de caso atrativo para muitos, principalmente para aqueles que se sentem à vontade frente ao novo, ao imprevisto, que gostam de trabalhar em condições pouco estruturadas e que aceitam o desafio do incerto, do impreciso (ANDRÉ, 2005, p. 40).

Através dos estudos de caso, é possível, a partir de situações reais, determinar possíveis contribuições aos problemas da prática educacional.

Focalizando uma instância em particular e iluminando suas múltiplas dimensões assim como seu movimento natural, os estudos de caso podem fornecer informações valiosas para medidas de natureza prática e para decisões políticas (ANDRÉ, 2005, p. 36-37).

O estudo de caso dispensa a necessidade da elaboração de um grande plano de ação, para que se inicie o processo de pesquisa, tornando-a uma metodologia que se constrói na relação do pesquisador com o(s) sujeito(s) da pesquisa.

O estudo de caso começa com um plano muito incipiente, que vai se delineando mais claramente à medida que o estudo avança. A pesquisa tem como ponto inicial uma problemática, que pode ser traduzida em uma série de questões, em pontos críticos ou em hipóteses provisórias. A problemática pode ter origem na literatura relacionada ao tema, ou pode ser uma indagação decorrente da prática profissional do pesquisador, ou pode

dar continuidade a pesquisas anteriores, ou ainda pode nascer de uma demanda externa, como a pesquisa avaliativa. Esses questionamentos iniciais tendem a se modificar, conforme o estudo caminha: alguns se firmam, mostrando-se realmente relevantes para aquela situação, outros terão que ser descartados pela sua pouca pertinência ao caso e aspectos não previstos podem vir a ser incorporados ao estudo (ANDRÉ, 2005, p.49).

Cabe ressaltar ainda que, de acordo com Walker (1980), “o estudo de caso deve ser um retrato vivo da situação investigada, tomada em suas múltiplas dimensões e complexidade próprias” (p. 61). Considerando tais afirmações, a presente pesquisa, com inspiração na metodologia de estudo de caso foi desenvolvida a partir de entrevista narrativa feita com o referido estudante da EJA. Como salientam Bauer & Gaskell (2002),

através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social . A narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido (p. 91-92).

A impressão que tive, com relação à pesquisa, foi de que a entrevista narrativa, feita com o estudante, possibilitou a criação de um clima de informalidade, capaz de favorecer o relato da história de vida que o mesmo, com certa facilidade, acabou por fazer. Estabeleceu-se uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado que contribuiu, em muito, para a realização do trabalho. O clima de camaradagem, gerado pelas partes, facilitou o relato de aspectos pessoais importantes, que foram citados durante a entrevista e que aconteceram de forma espontânea.

Para conduzir o diálogo, foram pensados os seguintes tópicos:

1. narrativa da infância;
2. ingresso na escola;
3. período de permanência na infância/adolescência;
4. situação que gerou a evasão escolar;
5. vida profissional;
6. retorno à escola;
7. a escola no momento e expectativas futuras

Durante a conversa, surgiram outras questões:

1. detalhes sobre as atividades profissionais exercidas;
2. sintomas que indicaram o problema de saúde;
3. diagnóstico e tratamento;
4. decisão de procurar a escola;

5. tempo na escola após a vida adulta;
6. dificuldades encontradas neste processo;
7. aprendizagens no período.

Por fim, considero que esta metodologia escolhida contribuiu como facilitadora para a elaboração da pesquisa, dado o seu caráter informal que orientou a execução da entrevista, e que esta temática, ligada à história de vida do entrevistado, demonstrou-se adequada.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Grande parte dos estudantes que reforçam os números da evasão escolar pertence às classes menos favorecidas da população, ou seja, a sua condição social é fator determinante para justificar este fato.

Já no início da entrevista, ao fazer o relato de sua história de vida, no momento que descrevia a sua infância, Luiz (o entrevistado) nos dá indícios dos motivos que o levaram a abandonar a escola, ainda criança.

[Quando eu tinha] onze anos, meu pai se aposentou e infelizmente pegou um câncer de pulmão [...]. Aí os meus irmãos eram casados, só morava eu mais duas irmãs [...]. Um dia até tive que ir num posto de saúde correndo, [...] [porque] deu uma crise nele depois do almoço lá e tive que chamar uma ambulância pra vim buscar ele né? Eu, com onze anos, uma criança [...]. E aí, o pai faleceu, [eu] tinha doze anos e aí aos treze anos tive que começar a trabalhar né?

Com a ausência do provedor da casa, as dificuldades financeiras muitas vezes levam as crianças a ingressarem prematuramente no mercado de trabalho, para contribuir no orçamento familiar, o que ocorreu com Luiz, que até esta época, se dedicava somente aos estudos.

Quando [...] [meu pai] faleceu, eu tive que começar a trabalhar para ajudar em casa [...]. Eu trabalhava dois meses e estudava [...], e aí cansava. Não tinha os irmãos, não moravam lá em casa [...], moravam separados, então não tinha uma voz masculina [...] [que dissesse:] não tu não pode largar o colégio, larga o trabalho [...].

Luiz alega não ter tido uma orientação, no sentido de reforçar a importância da escola naquele momento, o que poderia talvez ter evitado a sua evasão. A ausência ou a falta de acesso a políticas públicas que poderiam evitar a evasão, também se faz presente neste caso.

Se [eu] tivesse uma instrução... A falta que faz o pai, né? Não estou botando a culpa nele, mas é que fez muita falta [...].

Apesar de tudo, tentou manter-se estudando, mas o cansaço provocado pelo trabalho, considerando também sua pouca idade e vigor físico, não permitiu que suportasse a dupla jornada.

Tem que ter muita força de vontade, muita persistência [...] trabalhar e estudar não é fácil.

O abandono da escola está ligado, em grande parte das vezes, às dificuldades enfrentadas pelos estudantes em atender a esta dupla jornada que relaciona o trabalho e o estudo, normalmente envolvendo um número grande de horas do dia dedicado às duas tarefas. Isto proporciona uma sobrecarga de cansaço aos indivíduos e que os leva a desistirem dos estudos, priorizando o trabalho que, no momento, lhes traz um ganho financeiro imediato e imprescindível.

Ao ser perguntado até que ano estudou antes de abandonar a escola, Luiz respondeu:

Estava na quinta série [...], [mas] não consegui [...] concluir [...], porque [...] eu estudava e trabalhava dois meses e largava o colégio [...]. No outro ano eu me matriculava de novo, estudava dois meses e trabalhava, [e] largava o colégio [...].

Com relação a sua inserção de forma precoce no mundo do trabalho, declarou que a mesma não foi das melhores, pois no seu primeiro emprego, segundo ele mesmo declara, já foi logo enganado.

Eu comecei a trabalhar numa firma de montepio [...] e me roubaram [...]. Eu trabalhei dois anos naquela empresa [...], eles mudaram o nome da empresa, e aí que começaram a assinar minha carteira. Eu dei minha carteira para eles, [...] achando que a carteira logo seria assinada [...]. Não tinha um adulto para [...] olhar [...]. Eles mudaram o nome da firma [...], fecharam [...] a outra [...] e assinaram a minha carteira. Perdi dois anos de trabalho [...]. Naquela época não tinha fiscalização nenhuma [...].

Por tratar-se de crianças e jovens, muitos deles desacompanhados de seus responsáveis, sem a supervisão de um adulto, acabam ingressando no mercado de trabalho através do subemprego, exercendo tarefas e trabalhos desqualificados,

com baixa remuneração e onde as leis trabalhistas ainda permanecem ausentes. Em virtude disto, acabam sendo explorados e submetidos ao trabalho infanto-juvenil.

Após esta primeira experiência no Montepio, trabalhou dois anos em um Cursinho Pré-Vestibular e em um canal de TV.

Aí a TV [...] faliu e a gente ficou trabalhando. Só recebia vale, que nem [...] o Governador<sup>4</sup>, ficou pagando [...] os valezinhos [...] para os professores [...]. Se bem que agora, até [que] ele pagava bem, seiscentos pila na época, era uma mixaria brava [...]. Ficamos um ano assim.

Como sua mãe tinha trabalhado com um jornalista, foi trabalhar em um Jornal da cidade.

Aí eu pensei: [...] já estou há dois anos na TV [..], vou pedir para eles me botarem na rua, para mim não perder [...]. Aí me disseram: a gente não está demitindo ninguém, vai ter que pedir demissão [...]. Aí eu pedi demissão e perdi, mas passei para [...] [o Jornal], perdi o Fundo de Garantia.

Percebe-se que, mesmo com uma passagem bastante breve pela escola, estes indivíduos, através de suas próprias experiências, vão se apropriando dos conhecimentos necessários para sua sobrevivência num mundo letrado. Pouco a pouco, vão conhecendo seus direitos e criando mecanismos próprios para conseguí-los. Chama também a atenção, o fato de Luiz, na sua vida profissional, exercer funções ligadas ao mundo letrado.

[...] [No Jornal] eu fui trabalhar na redação como controlista de jornal [...]. Os caras diagramavam o jornal, davam para mim, eu conferia e anotava num quadro, fazendo um relatório para o diretor do jornal. Um trabalho bem puxado [...]. Muitas vezes, era Paulo Santana, Rui Carlos Osterman, aqueles caras todos [...]. Eu trabalhei três anos para estes caras. Mas aí, não aguentei mais [...]. Eram todos os domingos, todos os domingos [...].

---

<sup>4</sup> Referindo-se ao parcelamento dos salários dos professores estaduais no ano de 2016.

É possível perceber que Luiz tem uma boa noção das excessivas exigências que o mercado de trabalho impõe aos trabalhadores e que, na medida do possível, deve procurar trabalhos que propiciem melhores condições.

Aí fui trabalhar no cartório de protestos [...], que era de segunda à sexta [...]. Trabalhei ali dois anos [...] e fui demitido. Essas firmas privadas [...], de vez em quando demitem, para pagar menos [...].

Nota-se uma leitura bastante crítica sobre as práticas, deste mesmo mercado, que por vezes gera demissões com a única finalidade de manter salários baixos aos trabalhadores. Também tem plena consciência que trabalhos longe do seu domicílio, agregam um tempo extra à sua jornada de trabalho, resultando em mais desgaste físico e aumento de custos com deslocamentos.

Trabalhei dois anos no Primeiro Ofício de Protestos Cambiais. Aí saí dali e fui trabalhar numa imobiliária na Osvaldo Aranha, [...] [...]. Trabalhei [...] [lá] mais dois anos. Morava em Belém Novo, muito longe daqui de Porto Alegre [...]. Aí eu arrumei um trabalho no cartório de Belém Novo [...]. Eu me dava muito com o oficial do cartório [de] lá, [...] e fui trabalhar com ele [...]. Trabalhei oito anos com ele, lá no cartório.

Durante sua vida profissional, percebe-se que Luiz procurou qualificar-se, desenvolver habilidades, adquirir experiências e acumular competências voltadas para uma mesma área, construindo uma carreira capaz de buscar trabalhos que oferecessem a ele melhores condições, com relação à sua localização, carga horária e com melhores remunerações.

Trabalhava com [...] [o oficial], quando ele não podia ir fazer uma escritura [...], como nós tínhamos muitas, aquelas casas na Zona sul, todas faziam com ele [...], então para não fazerem noutra lugar [...], eu ia fazer.

Foi trabalhando neste Tabelionato que Luiz apresentou os primeiros sintomas de sua doença.

Um dia esbarrei em uma mesa [...], caminhando à tarde lá no escritório, dentro do cartório [...], daqui a pouco esbarrei novamente em outra mesa. Aí a minha chefe me chamou: o que tu tens, tu já esbarrou duas vezes na mesa [...]? Eu falei para ela: eu tenho tontura, e a noite eu fico mais tonto ainda [...]. Ela disse assim: então vai no médico para tu ver o que tu tens [...]. Aí eu cheguei lá no plantão [e] o doutor disse: olha vamos ter que baixar para tu fazer uns exames, eu já estava desconfiado do que era [...]. Eu baixei e ele escreveu lá num papel os exames que eu ia fazer. Os caras fizeram tudo que é exame, menos o que eu precisava fazer [...]. Eu acho que eles queriam [...] operar minha cabeça, para ganhar dinheiro. Fui vítima de uma safadeza dos médicos [...]. O doutor entrou no meu quarto e falou assim: Tu teve um derrame [...]. Eu fiquei pensando: quarenta anos, não fumo, pressão doze por oito, um derrame [...]. Mas se o doutor disse que deu um derrame, [então] deu um derrame [...]. Eu estava todo errado [...], quase não falava direito [...]. Fiquei cinco anos sem falar.

Diante do diagnóstico de derrame e que teria que “operar a cabeça”, tanto Luiz quanto sua irmã estranharam o fato e foram falar com o médico que o atendeu prescrevendo os exames que deveriam ser feitos para o diagnóstico.

- “Doutor, vão operar meu irmão” [...]. – “Mas não pode Vera, espera aí, que eu vou olhar os papéis. Vera, não fizeram os exames que eu mandei fazer.” Aí eu fiz os exames e [ele] disse: -“É Toxoplasmose. É uma doença crônica. É uma bactéria que ele pegou só o tempo vai melhorar, entendeu. Não tem que operar nada, toma estes remédios aqui, e ele vai ficar sem falar [...]”.

Luiz alegou ter sido vítima de um erro médico.

Eles não fizeram o exame que detectava essa bactéria, entendeu? Eu acredito que era para ganhar dinheiro, porque [...] eles [...] viram que tinha uma lesão e disseram para minha irmã: -“Vera, teremos que operar o teu irmão [...]”.

Como o exame que detectaria a verdadeira doença, só foi feito mais tarde, o quadro agravou-se bastante.

Quando a doutora foi fazer o exame, eu já não falava mais há um mês [...], nem me mexia na cama. Afetou minha coordenação motora, entendeu [...]?

A recuperação deste quadro foi bastante difícil, conforme declara Luiz:

[...], quando eu comecei a caminhar, [...] caminhava meio grógui [...], sem equilíbrio.

Chama a atenção, que em um quadro de extrema dificuldade financeira para buscar recursos que o auxiliassem a superar este problema de saúde, Luiz demonstrasse grande criatividade e imaginação para criar estratégias próprias que o ajudassem a melhorar sua condição.

Para eu recuperar o meu equilíbrio, eu fiquei dando voltas na quadra por cima do cordão da calçada, porque aquilo [...] faz forçar o equilíbrio [...].

Perguntei a ele se alguém o havia orientado a fazer isso, ou se ele havia visto em algum lugar esta prática, e ele respondeu:

Não, eu imaginei que seguindo uma linha, [...] ajudaria meu equilíbrio.

Diante deste problema de saúde, Luiz teve sua capacidade motora bastante afetada, comprometendo muitas atividades escolares e até do cotidiano.

Até para escrever, a minha fonoaudióloga me mandava pintar uns desenhos [...], eu não conseguia pintar dentro do desenho, a mão não tinha coordenação motora [...]. Nem cortar a carne, a minha irmã que cortava para mim.

Estes problemas de coordenação motora acabam por afetar seu rendimento escolar, já que percebi que no ambiente de sala de aula, na época em que foi realizada a entrevista, estas dificuldades acabam não sendo consideradas, e Luiz é submetido às mesmas atividades dos outros estudantes.

Foi uma lesão gravíssima [...]. Hoje eu ainda tenho lentidão [...]. Agora, por exemplo, terminou a aula [...], três perguntas eu não copiei, tirei xerox do colega para copiar em casa [...]. Eu não acompanho [...] as mesmas aulas das outras pessoas, eu estou com uma lentidão na mão. Mas para quem ficou cinco anos, uma lentidão não é nada [...]. Cinco anos sem escrever, imagina.

Apesar de entender que a escola não tem usado estratégias pedagógicas adequadas ao problema de Luiz, a impressão que tenho é que ele tem um dificuldade de aceitar e declarar isto, considerando-se culpado e único responsável por suas dificuldades. Para superar todos estes problemas, é também necessária muita fisioterapia, que ficam prejudicadas por limitação financeira.

Fiz [...] bastante fisioterapia. A minha fonoaudióloga cuidava da fala [...]. O senhor pode ver que eu ainda tenho uma dificuldade para falar [...]. E da coordenação motora, eu tinha que escrever bastante [...].

Passar por problemas assim gravíssimos, provoca transtornos psicológicos no indivíduo. Diante de tantas habilidades perdidas e que teriam que ser retomadas, aceitar o ocorrido e encontrar forças para superar as dificuldades exige muita superação. Nestes casos são comuns os quadros de profunda depressão, que dificultam ou impedem a recuperação. Conforme declara Luiz:

Mas deu uma depressão terrível, pensei até em suicídio [...]. Você chegar em casa, [...] não falar, não escrever, caminhar todo errado. Eu aprendi a tocar violão [...]. Levei uns vinte anos para aprender [...], e saiu tudo da cabeça [...]. [O] doutor [falou:] vai ter que aprender tudo de novo cara. Agora, depois dessa doença, [...] eu acho que apagou muita coisa na minha cabeça. Algo que controla o raciocínio, o pensamento tá lesionado. Quando eu saí do hospital, o doutor disse para minha irmã: - “Vera, teu irmão não vai poder aprender muita coisa, porque tem algo na cabeça, que controla o aprendizado, o raciocínio, o pensamento, tá corroído pela bactéria.” Que loucura, né?

Mesmo após grande parte do problema já ter sido superado, ficaram ainda algumas sequelas remanescentes.

Eu tenho dificuldade para entender as coisas, entendeu? Assim, para decorar as coisas também [...]. Essa lesão [...], eu acho que tem a ver com isso [...]. E foi confirmado. No mês passado, eu bati com a cabeça, e fiz uma tomografia [...] no pronto socorro, pensando que tinha dado uma lesão. Aí o doutor me disse: - “Não, não deu lesão nenhuma, só essa que tu já tem.” Aí eu falei: - “Pô, doutor, eu tenho mesmo uma lesão?” - “Tu tens mesmo, cara.”

Luiz tem plena consciência que apesar do dano sofrido, existem algumas coisas que podem ser feitas para melhorar a sua situação e que é muito importante manter seu cérebro ativo.

Eu vou ao neurologista agora fazer um tratamento [...]. Acho que tem alguns exercícios [...] [que podem ser feitos]. Por isso que eu estou estudando, para não ficar parado, se não atrofia. O cérebro já está assim, estragado [...], apagou um monte de coisas, [...] [não pode] ficar em casa, tem que forçar a cabeça [...].

Chama a atenção, também o fato de que as memórias da infância e da sua vida de modo geral, foram preservadas, somente as aprendizagens escolares, como a leitura e a escrita, foram comprometidas.

Não [...] lembro, só o que eu aprendi na escola. É um órgão que controla o aprendizado da cabeça que tá machucado, o doutor disse. E que tem um órgão que a gente aprende as coisas, armazena tudo ali, esse órgão é que tá [afetado].

Em virtude da perda do conhecimento escolar e das dificuldades que isto lhe trouxera, Luiz tomou a decisão de retornar à escola, na tentativa de superar estes problemas. Este retorno, com fins terapêuticos, foge um pouco dos motivos que normalmente levam os estudantes da EJA a buscarem a escola e deveria ser fruto de futuros estudos, no sentido de identificar possíveis estratégias pedagógicas que seriam mais adequadas para atender estes casos.

Eu tinha parado na quinta série [...], um homem de cinquenta anos, parou de estudar, digo: - “Não vou morrer analfabeto [...], alguma coisa eu aprendo [...]. Vou tentar aprender alguma coisa, inglês, por exemplo, não sabia nada de inglês.” [...].

Diante da fala de Luiz, é possível perceber que além do motivo de superar seu problema de saúde, o mesmo tem a visível preocupação em fugir do estigma de analfabeto. O entrevistado reconhece cotidianamente o preconceito contra a pessoa analfabeta, historicamente construído no Brasil, desde o final do século XIX, quando os políticos utilizavam termos como "chaga" ou "praga" para se referirem ao analfabetismo e, assim, justificar o veto ao direito de voto de analfabetos, conforme Galvão e Di Pierro (2007). Este preconceito persiste até hoje em nosso país e, por conhecê-lo e vivenciá-lo depois da doença, o estudante entrevistado decide retomar os estudos. Sua fala - "não vou morrer analfabeto" - sinaliza o sofrimento decorrente de diversas situações de constrangimento e humilhação sofridos por jovens e adultos analfabetos numa sociedade que ignora a precariedade das políticas públicas que garantem direitos sociais básicos, como educação, saúde, trabalho, entre outras, e atribui ao próprio indivíduo a culpa por sua condição de analfabetismo ou pela evasão escolar.

Após dois anos de ter retornado à escola, Luiz fala sobre suas dificuldades:

Eu aprendi mais no início [...]. No início parece que a gente tá com vontade [...], mais motivado. Agora já começa [...] as dificuldades. As matérias [...] vão ficando mais difíceis [...]. No começo não tinha inglês [...], aí já ficou mais difícil, o buraco já é mais embaixo.

O estudante incorpora estes preconceitos e atribui somente a si mesmo a responsabilidade pela saída da escola na infância e pela motivação ou desmotivação para permanecer na EJA atualmente. Nessa direção, a modalidade EJA tem uma contribuição importantíssima a dar no que se refere a problematizar esta leitura de mundo em que o estudante assume sozinho a responsabilidade de uma trajetória escolar que muito tem a ver com as condições sociais de sua infância, com a falta de políticas públicas de proteção à criança, combate ao trabalho infantil e de garantia de permanência na escola, para que sua família tivesse amparo na ausência do pai por meio de garantias oriundas de programas sociais. Todos estes aspectos podem ser abordados em sala de aula para que as pessoas compreendam que a educação como direito envolve muito mais condições de acesso e permanência que somente a construção de um espaço físico e a oferta de vagas na escola. Fazer estas reflexões com os/as estudantes possivelmente contribuirá para a elevação de sua autoestima, a sua motivação para recuperar o direito negado na

infância e, quem sabe, para buscar outros direitos negados nas demais esferas da sua vida cotidiana.

Com relação aos seus prováveis avanços, que ocorreram neste período, o entrevistado declara:

Eu acho que hoje eu estou mais adiantado [...], com certeza, a gente aprende muito mais coisa [...]. Já estou na sétima série, está bom, né? Eu estudei até a quinta, retomei e avancei.

Diante da indagação da existência de alguma coisa que ele esperava da escola e que ela não lhe atendeu, Luiz disse:

Não, da escola não tem nada. Eu acho [que] de mim, sim. Eu esperava que eu tivesse mais motivação, assim dentro de mim, como no começo eu estava motivado, caiu um pouco a motivação [...].

Como já havia citado anteriormente, Luiz tem plena certeza que suas dificuldades estão associadas exclusivamente à suas próprias limitações e que aspectos externos não contribuem em nenhum momento para colocar barreiras à superação de seus problemas. Atribui à sua falta de motivação e força de vontade o fato de ter abandonado a escola e também as dificuldades vividas no seu retorno.

É porque eu parei na quinta série [...]. Acho que é falta de persistência [...], de força de vontade mesmo, achei isso. Uma pessoa que para de estudar na quinta série [...], é porque ela não tem muita força de vontade [...], não tem muita persistência, trabalhar de dia e estudar à noite é cansativo [...], mas se o cara tem força, aí ele aguenta. Quantas pessoas já fizeram isso? Então eu acho que eu não tenho aquela força, aquela persistência [...], mas estou aqui.

Além das dificuldades socioeconômicas enfrentadas por Luiz, algumas vezes, enfrenta também a falta de apoio e incentivo familiar para que continue neste processo, como ele mesmo declara:

A minha irmã e neto disse para mim [...]: - “Isso que tu está fazendo é muito bom, mas não vai adiantar muita coisa, porque aquele órgão da tua cabeça que aprende as coisas está corroído [...]” [Isto] me desentusiasmou. Nem deviam ter falado isso. Mas eu disse para ela: - “Eu não vou parar mais, não paro mais, porque não dá para parar. Quem ficou muito tempo assim sem estudar, trinta e cinco anos sem entrar numa sala de aula, são muitos anos.”

Apesar do pouco incentivo, Luiz tem plena certeza que deve continuar na escola. Seu estado de saúde no momento é muito bom e possibilita a continuidade nos seus estudos.

Agora está [...] excelente, porque este problema que eu peguei, esta bactéria, não tem cura [...], essa Toxoplasmose é incurável [...]. No mês passado fiz exames e constou assim: não detectado, isso é uma coisa raríssima de acontecer [...]. O doutor olhou assim, e começou a rir. Eu falei: doutor está bom? – “Está ótimo cara, vamos fazer outro exame e vamos ver [...]” Olha: uma amiga minha que trabalha no hospital, disse que isso aí acontece com muitas pessoas [...], mas não está curado [...]. Pode voltar [...], tem que manter esse ritmo, tomar os remédios sempre, fazer os exames de seis em seis meses [...]. Tem que acompanhar tudo [...]. Tem que fazer exames sempre [...].

No momento, Luiz recebeu alta com relação ao problema da Toxoplasmose, mas pensa que deveria ter ainda um apoio terapêutico, que o ajudasse a evoluir com relação às sequelas deixadas pela doença. Neste sentido, penso que a escola poderia contribuir, proporcionando um atendimento especializado a este estudante.

Deram alta para mim [...]. A minha fonoaudióloga disse que agora eu tenho que aprender por mim [...], o que me deixou meio frustrado, porque quando eu me tratava com ela, dois dias antes de ter uma consulta, eu treinava bastante, [para] não passar vergonha lá. Por conta [...], a gente não exercita [...]. E quando tem uma consulta com um médico, te dão uns exercícios para ti fazer, e tu faz, né? Vou consultar com um neurologista [...], para ver esse negócio da minha cabeça, como é que tá [...], porque me deu muita insônia, [...] eu não consigo dormir antes das duas, por volta das quatro horas consigo dar uma dormidinha [...].

A falta de um atendimento público de saúde que contribua para a recuperação de Luiz é o principal motivo de sua busca de alternativas: andar no meio fio da calçada, voltar a estudar... Embora seja louvável a sua garra e sua autonomia para buscar formas de se recuperar, é também necessário destacar que sua vida é marcada pela negação de direitos básicos: a infância foi marcada pela negação do direito à educação, do direito à proteção (como criança, o Estado não poderia permitir a evasão escolar e o trabalho infantil); a vida adulta, pela negação do direito à saúde, a um atendimento público de saúde que garantisse sua plena recuperação. Ao invés disso, o que ele vive, mais uma vez, é a culpabilização do indivíduo pelas próprias condições de vida, e a omissão do Estado em relação à garantia dos direitos que confluem para que este cidadão tenha uma vida digna.

Luiz declara estar trabalhando no momento em uma empresa de produção de shows nacionais e internacionais. As suas atribuições estão relacionadas a tarefas mais leves e simples, que não exigem muito raciocínio e agilidade. Perguntei também se ele tinha dificuldades com a matemática, e ele respondeu afirmativamente:

Sim, [...], porque a matemática você tem que raciocinar [...], e como esse órgão não tá funcionando, faz muita falta.

Questionei o entrevistado, quanto à sua participação nas atividades e se achava que na escola poderia ter algo dirigido para ele, mais específico para ajudá-lo, considerando o problema que teve.

[Participo] de tudo [...]. Acho que têm que ser o normal, as mesmas atividades [...], só talvez, uma [...] atencõzinha [a] mais [...] do professor. Por exemplo: [...] esse cara aí, tem um problema no raciocínio, então vou [...] explicar melhor para ele [...].

Luiz declarou que todos os professores sabem do seu problema, mas ao mesmo tempo não há um atendimento especializado.

Todos eles sabem, eu já aviso. Termina a aula, não copio tudo, não tenho velocidade normal, então eu tenho que avisar [...]. Por exemplo: hoje o trabalho de história, [...] tinha umas perguntas no quadro [...]. Tem que fazer a pergunta e dar as respostas [...]. Respondi duas perguntas e tinha quatro, seis perguntas que não deu tempo de fazer tudo [...], por causa da lentidão, não tenho aquela coordenação motora [...].

Para melhorar a coordenação motora foi lhe indicado pelo médico: a prática, exercitar para acelerar a escrita.

[...], praticar ele falou, não tem o que fazer ele disse, só depende de mim [...], a minha fonoaudióloga me disse também, quando eu estava treinando com ela: [...] olha cara tu vai ter que ir por ti, não tem [...] uma varinha de condão que encosta em ti e tu melhora, tu vai ter que te sobressair [...].

É visível a ausência de um encaminhamento para qualquer tipo de atendimento especializado, como um fonoaudiólogo, que pudesse acelerar o processo de recuperação do entrevistado, por parte do serviço público de saúde, transferindo a responsabilidade por superar o problema exclusivamente para Luiz. A precariedade com que o sistema único de saúde trata casos mais complexos, como o dele, demonstra a atual situação em que se encontra a saúde pública no país.

Hoje, Luiz mora com uma de suas irmãs, e ela é a grande incentivadora para que ele permaneça na escola e prossiga nos estudos.

Ela me incentiva demais [...], se não fosse ela, eu teria morrido, porque a minha mãe faleceu, sabe? eu morava com a minha mãe [...], ela faleceu, eu fiquei com um aluguel muito caro para pagar [...], e não teria condições [...]. E a minha irmã foi lá e disse: não, [...] tu pode morar conosco [...], só dá um dinheiro para ajudar na luz, na água [...] e mora conosco [...]. É casada, e meu cunhado é maravilhoso. Aceitar isso aí, a mulher dele vai lá busca o irmão dela para morar junto [...]. Tenho que tirar o chapéu para o cunhado [...], porque é difícil achar um cunhado que aceite isso [...].

Quando perguntado sobre seus objetivos futuros com relação à escola, Luiz responde:

Só aprender [...], não tenho [...] uma ideia do que fazer, entendeu? [...] [Estou] sem aquela motivação de [...] seguir [...] [um] caminho [...]. O mais é aprender mesmo, já é alguma coisa, né? [...] quando eu entrei aqui eu não sabia nada [...], agora eu estou sabendo um monte de coisas, Português, História, Geografia, uma coisa importante, tem que saber né?

Perguntei o porquê de escolher uma escola tão longe de casa, ao que ele respondeu:

É que lá não dá para estudar de noite, sai do colégio de noite e dá de cara com dois, é perigoso. Seguido eu estou no bar conversando com os caras e passa o carro do IML<sup>5</sup> de noite, seguido o senhor lê no jornal.

Insisti no fato de que a distância também representava algum tipo de risco, devido ao deslocamento maior que seria feito durante o período noturno.

Acho que aqui é tão perigoso quanto lá, mas lá é mais perigoso. Não tem segurança em lugar nenhum. É que aqui tem movimento, tem polícia e lá não tem nada. Lá de noite é deserto, é só os caras lá da rua de noite, é perigoso mesmo. Até uma vez eu ia caminhando numa rua, e vinha dois caras, daqui a pouco os dois entraram num terreno baldio [...], aí não vou passar ali, eu voltei e peguei o ônibus. Tá louco passar por ali, eles iam me esperar, se eu passasse por ali eles iam me assaltar.

Diante da fala de Luiz, percebe-se a preocupação que os estudantes da EJA costumam ter com relação à violência urbana, e que se acentua principalmente à noite, período em que geralmente precisam ir à escola, motivo a mais para agravar os altos índices de evasão escolar existentes hoje em dia.

Luiz também foi questionado com relação a sua atual situação junto ao INSS.

---

<sup>5</sup> Referindo-se ao DML (Departamento Médico Legal) do Instituto Geral de Perícias do Estado do Rio Grande do Sul.

Me aposentei, fui fazer a perícia [...], e o perito disse: - “Vou te aposentar, não fala e nem escreve, vou te aposentar.” Aí me aposentou em 2004 [...], e eu fiquei até 2006 por aí, 2007 sem falar, falava lá com um amigo meu, [ele] disse para mim: - “Te encontrei na parada do ônibus [e] tu falava, e eu não entendia nada que tu falava.” E já fazia cinco anos, imagina, a lesão fora bem forte, cinco anos é tempo, né?

Luiz declara que no momento em que retornou a falar, decidiu voltar para a escola.

Até o ano retrasado eu estava meio com medo [...], porque eu não estava bem na fala, na escrita estava mais lento ainda [...]. Aí o ano passado eu melhorei, eu digo: agora eu vou para escola [...]. A gente sempre aprende né?

Percebeu que se ficasse em casa, sem se exercitar, talvez seus problemas viessem a se agravar.

Tem uma prima minha que o marido dela, meu primo teve um derrame [...], e aí ficou só em casa vendo televisão e não faz nada, e está piorando cada vez mais, porque tem que reagir [...], não pode ficar parado em casa [...], a pessoa fica deprimida [...].

Perguntei também se no momento que ele foi diagnosticado com a Toxoplasmose, se foi aventada alguma hipótese de como poderia ter contraído a doença.

[...], é pelo alimento.

Para finalizar perguntei como estava se sentindo no momento com relação à doença e por tudo que passou.

Evoluí bastante [...], porque no ano retrasado eu falava todo atrapalhado.

E com relação a sua situação na escola, declarou:

[...], aí o ano que vem termina a oitava, [...] só que agora [...] o grau de dificuldade aumenta.

Apesar da consciência que Luiz tem com relação às crescentes dificuldades que terá que enfrentar na escola, o ambiente escolar ainda é sua única esperança para melhorar sua condição de vida atual e, quem sabe, proporcionar uma perspectiva de futuro mais promissora.

## 5 CONCLUSÃO

A oportunidade que tive de realizar meu estágio obrigatório em uma turma da EJA, além de realizar uma vontade que ao longo do curso de Pedagogia fui desenvolvendo, fez com que eu tivesse contato direto com uma heterogeneidade de estudantes bastante grande. Realmente não tinha a mínima noção de quem eram estes estudantes e principalmente da diversidade de razões que levam os jovens e adultos a procurarem a escola posteriormente ao seu abandono. Até então a ideia que fazia dos mesmos é que basicamente eram provenientes de áreas mais empobrecidas, pertenciam ao grupo de analfabetos ou pouco escolarizados em virtude de um ingresso precoce no mercado de trabalho e que buscam melhores condições de sobrevivência no mundo do trabalho. Estas razões não ficam resumidas à busca da retomada de um tempo perdido, da possibilidade de alfabetização ou por melhores condições de competir no mercado de trabalho. Existem outras razões pouco comuns, como foi o caso do estudante que originou este trabalho: superar um problema de saúde.

Diante da história de vida daquele homem, eu busquei neste estudo compreender as motivações para o retorno aos estudos na EJA de um estudante que precisava reaprender a ler e escrever. Diante de casos deste tipo, não causa estranheza o fato de que Luiz recebeu por parte da escola um tratamento igual a tantos outros estudantes da EJA. É claro que uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos educadores, é de identificar em suas salas de aula casos como este, e a partir daí incluir em seus planejamentos, estratégias pedagógicas que pudessem dar conta de um público tão específico. Penso que estas estratégias devem considerar o fato que estes estudantes trazem consigo conhecimentos que estão ligados às suas experiências de vida e que devem ser considerados em seu processo de aprendizagem.

Talvez a escola e seus educadores também não estejam preparados, tanto materialmente como em nível de conhecimento, para enfrentar tamanho desafio, que é o de atender a estudantes com necessidades tão complexas e específicas. Eu

mesmo me senti bastante despreparado quando me deparei com estes casos, pensando de que forma poderia ajudar a superar tamanhos obstáculos.

Por outro lado, me senti muito desafiado a enfrentar este tipo de situação. Encarar e procurar possíveis soluções no sentido de sobrepujar dificuldades que fazem parte do universo dos estudantes da EJA, sempre foi o foco de meus interesses durante o curso de Pedagogia. Penso que a educação realmente faz sentido quando é capaz de modificar a vida das pessoas e o meu trabalho como pedagogo tem sentido à medida que contribui para esta mudança.

As reflexões que este trabalho me proporcionou, dão a certeza de que muito ainda se faz necessário, no sentido de estudos e pesquisas no campo da educação, para atender a estes públicos que requerem práticas pedagógicas diferenciadas e específicas, capazes de atender a casos tão incomuns, mas não menos importantes.

## 6 REFERÊNCIAS

**ANDRÉ**, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liberlivros, 2005. p. 7-70.

**ARROYO**, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? *REVEJ@ - Revista de Educacao de Jovens e Adultos*, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007.

**BAUER**, Martin W. & **GASKELL**, George (editores). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

**BRASIL**, Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica. Parecer nº 11 de 2000.

**brasilemsintese.ibge.gov.br** ACESSO em 10/06/16.

**CUNHA**, Aline Lemos da. Algumas reflexões sobre os sujeitos da educação de jovens e adultos. In: GODINHO, Ana Claudia e tal. (Orgs.) Entre imagens e palavras: práticas e pesquisas na EJA. Porto Alegre: Editora Panorama Crítico, 2012.

**GALVÃO**, A.M.; DI `PIERRO, M. C. Preconceito contra o analfabeto. SP: Cortez, 2007.

**HUGGINS**, Donald. Toxoplasmose adquirida forma linfoglandular. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* Vol. VI – Nº 1, Jan-Fevereiro, 1972. p. 27-28.

**LUDKE**, Menga & **ANDRÉ**, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

**OLIVEIRA**, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera M. (Org.). Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Ação Educativa, 2001.

**PALACIOS**, Jesús, (1995). O desenvolvimento após a adolescência. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A., (orgs). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1. Tradução de Marcos A. G. Domingues.

**PINTO**, Álvaro Vieira. Sete Lições sobre Educação de Adultos. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

**SCHIRMER**, Carolina R et alli. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. Rio de Janeiro: Jornal de Pediatria – Vol. 80, Nº 2 (supl), 2004.

**SOARES**, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte : CEALE/ Autêntica, 1998.

**TFOUNI**, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo : Cortez, 1995.

**UNESCO** – *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução portuguesa. Rio Tinto : Edições ASA , 1996.

**WALKER**, R The Conduct of Educational Case Study: Ethics, Theory and Procedures In WB. Dockrell e D. Hamilton, *&thinking Educational Research*. London: Hodder and Stoughton, 1980.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, para participar do Trabalho de Conclusão de Curso do estudante \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, sob a orientação da professora \_\_\_\_\_, a qual pretende discutir a Educação de Jovens e Adultos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de conceder uma entrevista que será gravada em áudio. Se você aceitar participar, estará contribuindo para as problematizações que realizamos sobre a Educação de Jovens e Adultos. Se depois de consentir em sua participação o Senhor desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O Sr. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o Sr. poderá entrar em contato pelo telefone (51) \_\_\_\_\_.

#### *Consentimento Pós-Infomação*

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei qualquer compensação e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do participante

Assinatura do Estudante-Pesquisador

Assinatura da Orientadora

Telefone para contato:

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
 DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Senhor/a Diretor/a,

Apresentamos a Vossa Senhoria o estudante universitário \_\_\_\_\_,  
 RG nº \_\_\_\_\_ regularmente matriculado na disciplina EDU 03082 – Reflexão sobre a prática docente –  
 EJA do curso de Pedagogia desta Universidade e, ao mesmo tempo, solicitamos sua permissão para que o mes-  
 mo realize suas atividades de pesquisa empírica junto à Escola \_\_\_\_\_.

Esclarecemos igualmente que tais atividades consistem na realização de uma entrevista com um aluno  
 da EJA, as quais visam oportunizar elementos para a escrita de seu trabalho de conclusão de curso.

Agradecendo antecipadamente a compreensão de Vossa Senhoria e a disposição em proporcionar que  
 o estudante possua informações e subsídios para estudos da disciplina, despedimo-nos.

Atenciosamente,

Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG de número  
 \_\_\_\_\_, aceito que seja realizada a pesquisa sobre Educação de Jovens e Adultos, ( )  
 estando de acordo / ( ) não estando de acordo que o nome da Instituição seja citado. Estou ciente que esta  
 pesquisa será desenvolvida pelo estudante-pesquisador \_\_\_\_\_, gra-  
 duando do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a  
 orientação da professora \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do/a Diretor (a) ou Responsável

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Telefone para contato: